





Marlene Monteiro Freitas Mal – Embriaguez Divina

(Hi)stories of Dance:
Marlene Monteiro Freitas,
based on *Mal – Embriaguez Divina*
by Alexandra Balona

In a plurality of dance (hi)stories, the uniqueness of Marlene’s body of work occupies one of those uncategorizable places, which invite the spectator to reconsider their position towards not only the assumptions of a so-called “contemporary European dance”, but also on the human and its cosmologies. For Marlene, choreographic writing is a richer, deeper and more complex language to translate her experience of the world; and this is the strength of theatre, a space with the potential to reinvent our existence, bodies and the relationships between them. According to the choreographer, it is in a third space between the stage and the audience — where the forces of performance meet the forces of the spectators — that the dance takes place.

Each work begins with an uneasy feeling, triggering an extensive investigation and assembly of eclectic theoretical references, imagery and sound. With a methodology anchored in music — because, according to Marlene, it is music that allows access to states and sensations that would otherwise be inaccessible — and in fiction, the choreographer combines dissonant, in collision, materials that are increased and reduced until reaching their maximum tension. She uses choreographic instruments such as hybridity, simultaneous contradiction, overdetermined images, condensation, displacement and transfiguration. The final work is the result of the digestive process of all these elements, where the viewer does not clearly recognize the initial references and the materials that were transformed throughout the choreographic process.

A choreography formed by figures that are not linked to theatrical representation or figurative mimicry, that escape the cause-effect logic, allowing for experimentation in which every single detail - the expression of the mouth or eyes, all the gestures of the body — contributes to its uniqueness, always multiple, hybrid and metamorphic.

Her works evoke the legacy of Cape Verde, an archipelago placed in a historical triangulation between Europe, Africa and America; the cultural experience in São Vicente, where music, cinema and carnival are foundational; and her personal and international archive as an artist. Her choreographies bring together a challenging and dazzling work, making bodies shiver and giving access to unconscious layers through the forces that are released on stage. These forces are the result of a vertiginous tension, transgression and excess of imponderables positioned side by side, proposing breaches, emotional crossings and the hybrid as strategies to rethink contemporaneity.

Alexandra Balona is a researcher and independent curator. Graduated in Architecture (FAUP), she is a PhD student at the European Graduate School & Lisbon Consortium, co-founder of PROSPECTIONS for Art, Education and Knowledge Production, and part of Rampa’s programming team. She co-curated *Citizens of the Cosmos*, by Anton Vidokle, in the scope of *Future Past Imaginaries* (Rampa, 2021), *Um Elefante no Palácio de Cristal* (GMP, ping!, 2021); curated *Openness, Impurity and Intensity. Around Marlene Monteiro Freitas’ choreographic work* (TMP, 2020), and co-curated *Metabolic Rifts* (Serralves and TMP, 2017-18). She writes for Público, Contemporânea and Art Press.

História(s) da Dança:
Marlene Monteiro Freitas,
a partir de *Mal – Embriaguez Divina*
por Alexandra Balona

Na pluralidade de história(s) da dança, a singularidade da obra de Marlene ocupa um desses lugares não categorizáveis, que convidam o espectador a reposicionar-se não somente em torno dos pressupostos de uma chamada “dança contemporânea europeia”, mas também sobre o humano e suas cosmologias.

Para Marlene, a escrita coreográfica é uma linguagem mais rica, complexa e profunda para traduzir a sua experiência do mundo, e essa é a força do teatro, um espaço com a potencialidade de reinventar a nossa existência, os corpos e a relações entre estes. Segundo a coreógrafa, é num terceiro espaço entre o palco e o público, onde as forças da performance encontram as forças dos espectadores, que a dança acontece.

Cada obra começa com uma inquietação, e despoleta uma extensa investigação e montagem de referências ecléticas teóricas, imagéticas e sonoras. Com uma metodologia ancorada na música — porque, segundo Marlene, a música permite aceder a estados e sensações que de outro modo seriam inacessíveis — e na ficção, a coreógrafa articula materiais dissonantes em colisão, que são multiplicados e desmultiplicados até atingir o máximo de tensão. Recorre a instrumentos coreográficos como a hibridiz, a contradição simultânea, as imagens sobredeterminadas, a condensação, a deslocação e a transfiguração. A obra final é o resultado do processo digestivo de todos esses elementos, onde o espectador não reconhece com clareza as referências iniciais e os materiais que se transformaram ao longo do processo coreográfico.

Coreografando figuras que não se vinculam à representação teatral nem ao mimetismo figurativo, e escapam à lógica de causa-efeito, abre o campo para a experimentação, onde todos os detalhes — como a expressão da boca, dos olhos, e toda a gestualidade do corpo — concorrem para sua singularidade, sempre múltipla, híbrida e metamórfica.

As suas obras evocam o legado de Cabo Verde, um arquipélago na triangulação histórica entre a Europa, África e América, a vivência cultural em São Vicente, onde música, cinema e carnaval são estruturantes, e o seu repositório pessoal e internacional como criadora. Reunindo uma obra fraturante e fulgurante, as suas coreografias fazem estremecer os corpos e permitem aceder a estratos inconscientes através das forças que descarregam em palco, resultantes da tensão vertiginosa, da transgressão e do excesso com que coloca lado a lado imponderáveis, propondo brechas, travessias emocionais e o híbrido como estratégias para repensar a contemporaneidade.

Alexandra Balona é investigadora e curadora independente. Licenciada em Arquitetura (FAUP), é doutoranda na European Graduate School & Lisbon Consortium, co-fundadora de PROSPECTIONS for Art, Education and Knowledge Production, e integra a equipa de programação da Rampa. É co-curadora de *Cidadãos do Cosmos*, de Anton Vidokle, no âmbito de *Future Past Imaginaries* (Rampa, 2021), de *Um Elefante no Palácio de Cristal* (GMP, ping!, 2021); curadora de *Abertura, Impureza e Intensidade. Olhares em torno da obra coreográfica de Marlene Monteiro Freitas* (TMP, 2020), e co-curadora de *Metabolic Rifts* (Serralves e TMP, 2017-18). Escreve no jornal Público, Contemporânea e Art Press.

To explore the various forms of evil, a group sinking into a sea of paper turns into a choir positioned on a rostrum. The title of this work by Marlene Freitas makes several references to the ambivalence of evil. It can barely refer to restlessness, discomfort, pain, suffering, agony, grief, torment, emptiness, horror and also evil. However, Divine Inebriation posits evil as a state of divine hallucination, of Dionysian ecstasy. Evil takes many forms. It appears as a determining force in a large number of stories, and theater has long been a context in which it is revealed and exposed. For some, the experience of the abyss of evil is a prerequisite for art. George Bataille places evil and art in close proximity, as two forces that oppose a lawful world of rational calculation. It perceives children as beings committed to evil, rebelling against an adult world of inhibiting conventions. The Divine exaltation as a transformative insurrection of Evil against Good, inviting us to break with order, to escape normalization and to deviate from the script.

Para explorar as várias formas do mal, um grupo a afundar-se num mar de papel transforma-se num coro posicionado numa tribuna. O título deste trabalho de Marlene Freitas faz várias referências à ambivalência do mal. Mal pode referir-se a uma inquietação, a um desconforto, à dor, ao sofrimento, à agonia, à mágoa, ao tormento, ao vazio, ao horror e também ao maléfico. Entretanto, *Embriaguez Divina* posiciona o mal como um estado de alucinação divina, de êxtase dionisiaco. O mal assume várias formas. Surge como força determinante num elevado número de histórias, e o teatro é há muito um contexto onde é revelado e exposto. Para alguns, a experiência do abismo do mal é um pré-requisito para a arte. George Bataille posiciona o mal e a arte em grande proximidade, como duas forças que se opõem a um mundo lícito de cálculo racional. Perceciona as crianças como seres comprometidos com o mal, revoltando-se contra um mundo adulto de convenções inibidoras. A exaltação Divina como uma insurreição transformativa do Mal contra o Bem, convidando a quebrar com a ordem, a escapar às normalizações e a desviar do guião.



PARALELO

História(s) da Dança: Marlene Monteiro Freitas com with Alexandra Balona

1/10 17:00 RIVOLI Pequeno Auditório + TMP ONLINE (ZOOM)

Marlene Monteiro Freitas nasceu em Cabo Verde onde cofundou o grupo de dança Compass. Os seus trabalhos têm como denominador comum a abertura, a impureza e a intensidade. Em 2018, a Bienal de Veneza atribuiu a Marlene o Leão de Prata na categoria de Dança. É cofundadora da P.O.R.K, estrutura de produção sediada em Lisboa.

Marlene Monteiro Freitas was born in Cape Verde where she co-founded the dance group Compass. His works have the common denominator of openness, impurity and intensity. In 2018, the Venice Biennale awarded Marlene the Silver Lion in the Dance category. She is a co-founder of P.O.R.K, a production structure based in Lisbon.

COREOGRAFIA choreography Marlene Monteiro Freitas © **APOIO À PRODUÇÃO** production support Lander Patrick © **COM** with Andreas Merk, Marlene Monteiro Freitas, Francisco Rolo, Henri “Cookie” Lesguillier, Hsin-Yi Hsiang, Joãozinho da Costa, Mariana Tembe, Tónan Quito, Miguel Filipe © **DESENHO DE LUZ E ESPAÇO** lighting and space design Yannick Fouassier © **APOIO À CRIAÇÃO DO ESPAÇO** support for space creation Miguel Figueira © **DIREÇÃO DE CENA E CONCEÇÃO DE ADEREÇOS** stage management and props creation André Calado © **DESENHO DE SOM** sound design Rui Dâmaso © **PESQUISA** research Marlene Monteiro Freitas, João Francisco Figueira © **DRAMATURGIA** dramaturgy Martin Valdés-Stauber © **CONCEÇÃO DE FIGURINOS** costumes creation Marisa Escalera © **PRODUÇÃO** production P.O.R.K (Bruna Antonelli, Sandra Azevedo, Soraiá Gonçalves), Münchner Kammerspiele © **DIFUSÃO** diffusion Key Performance © **COPRODUÇÃO** co-production Teatro Municipal do Porto, Biennale de la danse de Lyon 2020 & Pôle européen de création – Ministère de la Culture/Maison de la Danse, Culturgest, HAU Hebbel am Ufer, Kunstenfestivaldesarts, International Summer Festival Kampanägel, Künstlerhaus Mousonturm, Festival d’Automne – Les Spectacles Vivants/Centre Pompidou, NEXT festival, Ruhrtriennale, TANDEM Scène nationale, Theater Freiburg, Wiener Festwochen © **APOIO** support CML – Câmara Municipal de Lisboa, Dançando com a diferença, Fabbrica Europa|PARC- Performing Arts Research Center, La Gare – Fabrique des arts en mouvement, Pólo Cultural Gaivotas | Boavista, Reykjavík Dance Festival

P.O.R.K Associação Cultural é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal – Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes © P.O.R.K Associação Cultural é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal – Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes